

# OFICINA DE POESIA

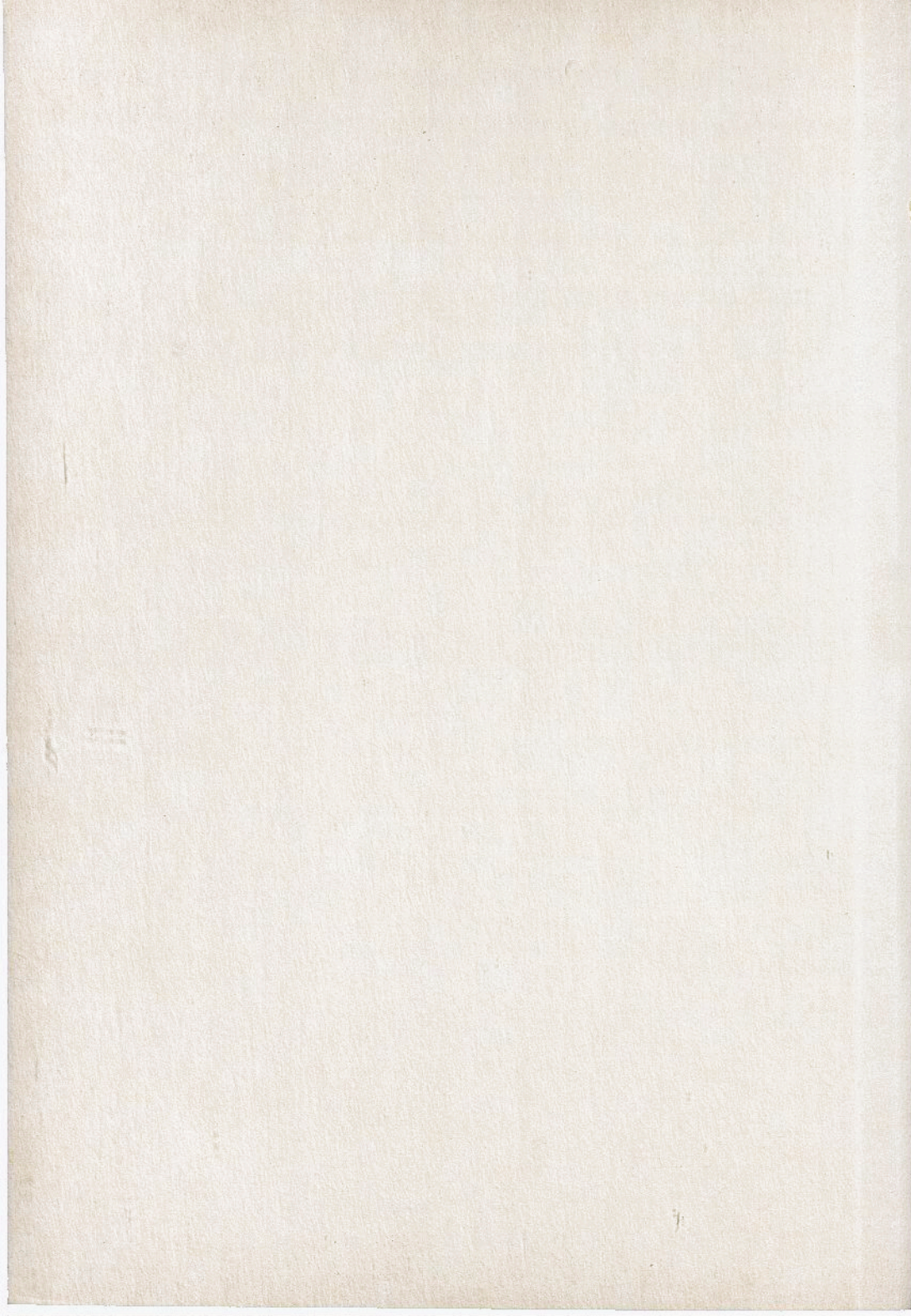
## A "Oficina de Poesia" nos 800 Anos de Idanha-a-Nova:

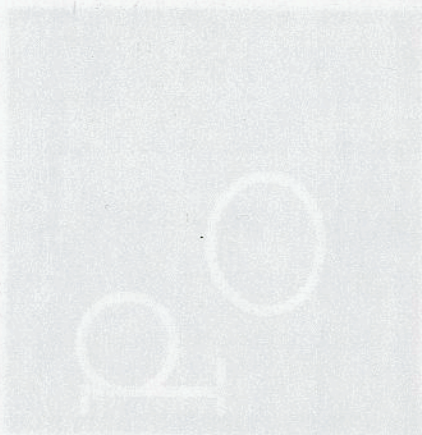
Raia e Fronteira  
Margens e Centros  
Identidades

Imagem de:  
Martha Moraes

Inéditos de:  
António Salvado Alpedro Pérez Alencart  
Helena Villar Janeiro e Xeris Rabade Paredes  
Pedro Marques de Armas Christopher Sawyer-Laungano

Palimage  
Imagem-Palavra





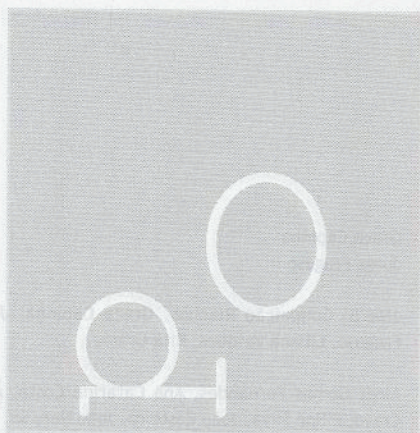
revista  
**OFICINA**  
de  
**POESIA**

N.º 6  
série II

COIMBRA

2 0 0 6





revista  
**OFICINA**  
de  
**POESIA**

N.º 6  
série II

COIMBRA

2 0 0 6

Ficha Técnica

Directora  
Subdirectora

Conselho  
de Redacção

Conselho  
Editorial

Colaboração  
especial

Programas  
Educativos

Capa

Índice

Contactos

ISSN

Deposito Legal

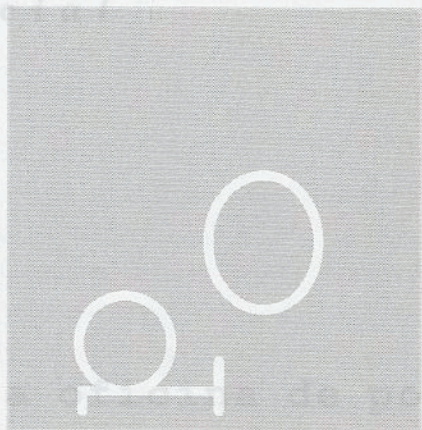
Execução Gráfica

Distribuição

## Ficha Técnica

<b>Directora</b>	Graça Capinha
<b>Subdirector</b>	Jorge Fragoso
<b>Conselho de Redacção</b>	aNa B, Conceição Riachos, Graça Capinha, João Rasteiro, Jorge Fragoso, Liliana Vasques, Rita Grácio.
<b>Conselho Editorial</b>	Aires Gomes Fernandes, Ana Catarina Costa, Ângela Canêz, Filipe Cravo, Filipe Silva, João Rasteiro, João Nery Sá, Jorge Melicias, Jorge Nande, Margarida Amorim, Pedro Pedrosa Silva, Sandra Guerreiro
<b>Colaboração especial</b>	Alfredo Pérez Alencart, António Salvado, Christopher Sawyer-Lauçanno, Helena Villar Janeiro e Xesús Rábade Paredes, Martha Morais, Pedro Marqués de Armas
<b>Propriedade Edição</b>	Oficina de Poesia e Palimage Editores Palimage Editores
<b>Capa</b>	aNa B
<b>Apoio</b>	Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Reitoria da Universidade de Coimbra CES – Cento de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra Câmara Municipal de Idanha-a-Nova
<b>Contactos</b>	Palimage Editores Apartado 3105 3511-902 Viseu Tel. 232 432 244 – Fax 232 432 247 e-mail: palimage@palimage.pt
<b>ISSN</b>	1645-3662
<b>Depósito Legal</b>	222090/06
<b>Execução Gráfica</b>	Palimage / Barbosa & Xavier, Lda. - Artes Gráficas
<b>Distribuição</b>	Palimage Editores Rua Conde Henrique, n.º 18, 1.º Esq. Fte. 4715-349 BRAGA Telef./Fax: 253 25 83 84 e-mail: distribuicao@palimage.pt

especial



de poesia  
nos 800 anos  
de idanha-a-nova  
deira  
margens e centros  
idades

# OFICINA de POESIA

revista da palavra e da imagem



Palimage Editores  
*A Imagem e A Palavra*

**Equipa Técnica**

**Direcção  
Suplementar**

**Conselho  
de Redacção**

**Conselho  
Editorial**

**Coordenação  
Editorial**

**Preparação  
Editorial**

**Capa**

**Artista**

**Composição**

**Impressão**

**Diagramação**

**Diagramação**

**Diagramação**

Luís Filipe, António José, Carlos Calisto, João Baptista, Jorge  
Alves, Carlos de Sousa, António  
Luís Filipe, António José, Carlos Calisto, João Baptista, Jorge  
Alves, Carlos de Sousa, António  
Luís Filipe, António José, Carlos Calisto, João Baptista, Jorge  
Alves, Carlos de Sousa, António

Luís Filipe, António José, Carlos Calisto, João Baptista, Jorge  
Alves, Carlos de Sousa, António

Luís Filipe, António José, Carlos Calisto, João Baptista, Jorge  
Alves, Carlos de Sousa, António

Luís Filipe, António José, Carlos Calisto, João Baptista, Jorge  
Alves, Carlos de Sousa, António  
Luís Filipe, António José, Carlos Calisto, João Baptista, Jorge  
Alves, Carlos de Sousa, António  
Luís Filipe, António José, Carlos Calisto, João Baptista, Jorge  
Alves, Carlos de Sousa, António

Luís Filipe, António José, Carlos Calisto, João Baptista, Jorge  
Alves, Carlos de Sousa, António

Luís Filipe, António José, Carlos Calisto, João Baptista, Jorge  
Alves, Carlos de Sousa, António

Luís Filipe, António José, Carlos Calisto, João Baptista, Jorge  
Alves, Carlos de Sousa, António

Luís Filipe, António José, Carlos Calisto, João Baptista, Jorge  
Alves, Carlos de Sousa, António



Em Outubro de 2005, o curso livre "Oficina de Poesia" deslocou-se à vila raiana de Idanha-a-Nova, na Beira Baixa, para realizar uma leitura de poemas no Centro Cultural Raiano. O convite da Câmara Municipal, para a realização desta actividade de extensão universitária, surgiu no âmbito das Comemorações dos 800 Anos da Carta de Idanha-a-Nova (1206-2006). Ao longo de um ano (de Janeiro de 2005 a Janeiro de 2006), a Oficina de Poesia desenvolveu-se numa natureza de extensão universitária, com o compromisso de estabelecer uma relação entre a universidade e a comunidade, em que o/a artista e o/a poeta se encontram no âmbito de uma comunidade. Esta questão, menor para alguns, é contudo a questão fundamental — poética e, simultaneamente, social e política — que subjaz à própria existência da "Oficina de Poesia". Muitas têm sido, por isso, as actividades de extensão universitária desenvolvidas ao longo de já quase 10 anos de vida: levando a poesia às escolas, às bibliotecas públicas, aos centros culturais, aos teatros, aos cafés, às ruas, etc. Porque a poesia, como toda a arte, se não estiver na comunidade, se não estiver no meio das gentes e das ruas, perde a razão da sua própria existência: perde o seu poder transformador (transformador), o seu poder de por em movimento (verdadeiro signifi-



Em Outubro de 2005, o curso livre “Oficina de Poesia” deslocou-se à vila raiana de Idanha-a-Nova, na Beira Baixa, para realizar uma leitura de poemas no Centro Cultural Raiano. O convite da Câmara Municipal, para a realização desta actividade de extensão universitária, surgiu no âmbito das Comemorações dos 800 Anos da Carta de Doação desta vila aos Templários pelo rei D. Sancho I (1206).

Ao longo de um ano (Janeiro de 2005 - Janeiro de 2006), a autarquia promoveu inúmeros eventos de natureza científica e artística, num exemplo raro de investimento na cultura: numa cultura que não se esgota em produções de e para uma elite, mas antes numa cultura viva, que se define como acto de participação colectivo, em que o/a artista e o/a poeta se encontram no âmbito de uma comunidade. Esta questão, menor para alguns, é contudo a questão fundamental — poética e, simultaneamente, social e política — que subjaz à própria existência da “Oficina de Poesia”. Muitas têm sido, por isso, as actividades de extensão universitária desenvolvidas ao longo de já quase 10 anos de vida: levando a poesia às escolas, às bibliotecas públicas, aos centros culturais, aos teatros, aos cafés, às ruas, etc. Porque a poesia, como toda a arte, se não estiver na comunidade, se não estiver no meio das gentes e das ruas, perde a razão da sua própria existência: perde o seu poder transformador (transformador), o seu poder de por em movimento (verdadeiro signifi-

cado do estético), de criar e partilhar novas visões do mundo que, assim, se verá renovado.

Em Idanha-a-Nova aconteceu mais um momento de partilha e de transformação: apesar do frio de uma noite de chuva e nevoeiro, o público da poesia esteve lá. E ouviu os/as poetas, também eles/elas transformados/as pela paisagem e pelas gentes que os/as receberam.

A escrita criativa surgiu com exercício de "catch" (realizado durante a Jornada científica que acontecera durante o dia, em que vários investigadores apresentaram trabalhos centrados nas questões da raia, da identidade, da fronteira e do território), seguindo-se os exercícios de variação e derivação, bem como de escrita a várias mão/vozes. Antes do jantar, houve apenas tempo para um curto ensaio de leitura, mas a apresentação pública foi, como de costume, uma surpresa. A "Oficina de Poesia" lia em português, tendo sido antecedida pelas vozes galegas dos poetas de Santiago de Compostela, Helena Villar Janeiro e Xesús Rábade Paredes. Em tradução do poeta António Salvado e lidos em português pelo tradutor e, em castelhano, pelo autor, ouviram-se também os poemas do peruano-espanhol Alfredo Pérez Alencart, a viver em Salamanca. Todos eles conhecem bem a realidade da fronteira, a realidade dos centros e das margens; todos eles conhecem a importância social e política da poesia nas suas vivências e nas suas línguas. Aqui contribuem com alguns inéditos. A seu lado, o cubano Pedro Marquês, este ano a participar semanalmente no seminário da "Oficina de Poesia", porque, ao abrigo da Rede Internacional de Cidades-Refúgio, lhe coube partilhar o seu exílio, físico e poético, com a cidade de Coimbra. Finalmente, Christopher Sawyer-Lauçanno, também ele conhecedor do confronto entre centro e margem, um poeta norte-americano de origem

catalã, biógrafo de autores entre o centro e a margem também, autores como Paul Bowles ou E. E. Cummings.

A fotógrafa brasileira Martha Morais, que também acompanha este ano a “Oficina de Poesia”, termina a nossa lista de convidados: as suas imagens de Idanha-a-Nova e do seu concelho surgem como mais um brilhante exercício de poética que, relevantemente, ilumina e se deixa iluminar pelas palavras.

O último livro do poeta brasileiro Álvaro Alves de Faria (que também participou numa das leituras de poesia em Idanha-a-Nova) é motivo para mais um pequeno texto crítico, o prefácio da edição brasileira, que aqui se publica ainda como inédito.

Esperamos que este número especial seja mais um contributo da “Oficina de Poesia” para encontrar esse lugar de centro, uma ausência entre o local e o transnacional que caracteriza, no dizer de alguns teóricos, a identidade portuguesa: para isso, estamos em crer, para ancorarmos numa posição de identidade nacional, precisamos decerto dos poetas e dos artistas, de órgãos de poder local que entendam (como, pelos vistos, a Câmara de Idanha-a-Nova quer entender) qual é o verdadeiro património que interessa legitimar — e precisamos ainda de uma ligação estreita entre esses actores e a universidade, que mais não faz do que cumprir o seu verdadeiro desígnio: ser uma universidade.

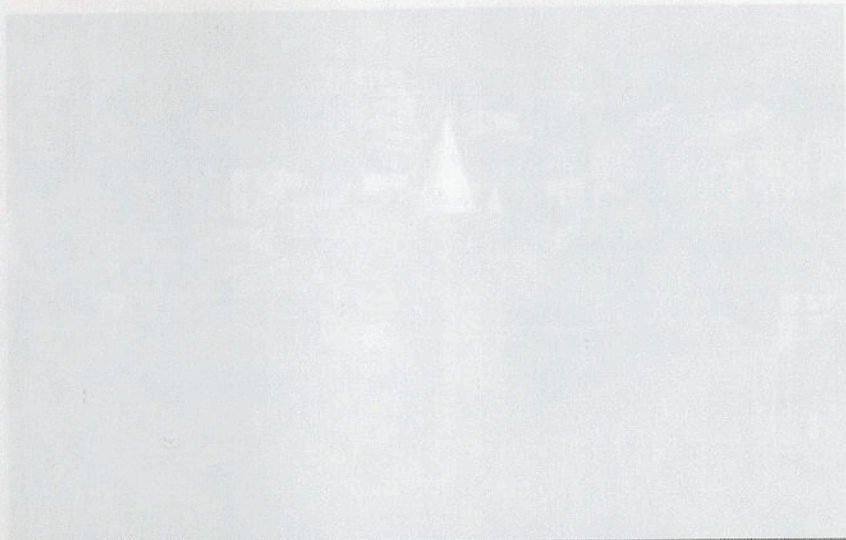
Graça Capinha

MARTHA MORAIS





MARTHA MORAIS



**MARTHA MORAIS**

[14]



***Sinuosos penhascos...***

Sinuosos penhascos e os sibilos  
da terra a pincelar os fumegantes  
olores que se evolvem pelos trilhos  
de caminhos surgidos de meandros  
de margens debruadas a inverno  
de águas geladas e de branca neve.  
E no entanto por aqui um dia  
hão-de gemer sementes a florirem,  
ridente primavera rendilhada  
de pássaros cruzando os horizontes  
e um calor lento anunciando o ar  
do túmido verão porvir recôndito.

## ANTÓNIO SALVADO

### **Somente o sonho...**

Somente o sonho engendra quentes frutos  
ou permite o dourado dos trigais  
e faz correr a fonte e ondular  
no distante horizonte um céu sem nuvens.

E adormecer no despertar do dia  
matizado de sol e primavera  
ou contar pela noite os astros livres  
cada a brilhar ardente em sua esfera.

Ou de jasmims e goivos coroada  
afrodite das águas renascida  
(uma mulher passando jovial  
pelo sonho do sonho quase a ir-se)...

**Ocultamente...** OS ANTIGUOS RITOS

(São Pedro de Vir-a-Corça)

Ocultamente    levas através  
das horas que compõem o rosário  
da tua solidão    luz do passado  
ou sombra do-já-ido que a renega.

Os momentos sofridos e festivos  
a conta a conta se desfiam    quedos  
num silêncio que apenas é partido  
pelo suor que escorre pelos dedos.

Ah se pudesse renegar memórias  
que te acompanham como à noite o escuro!  
Eliminar de algumas dessas horas  
a cor cinzenta de ferais crepúsculos!...

Somente o sonho... Oculmente...

Somente o sonho... Oculmente...  
Somente o sonho... Oculmente...  
Somente o sonho... Oculmente...  
Somente o sonho... Oculmente...  
Somente o sonho... Oculmente...



MARTHA MORAIS

## ALFREDO PÉREZ ALENCART

### EL LUGAR DE LOS ANTIGUOS RITOS

(São Pedro de Vir-a-Corça)

ÉSTE es el lugar de los antiguos ritos,  
el espacio donde los dioses parecieran hablar  
al humedecido corazón de los hombres.

Aquí me encuentro yo,  
inmerso en un profundo soliloquio,  
alabando este indispensable refugio del misterio  
mientras los árboles exudan esjismos,  
fieles a las eternas circunstancias del oráculo.

En tanto silencio los alcornoques alojan su raíz  
dentro de enormes rocas, surgiendo de ellas  
como frutos ofrecidos por la alquimia natural  
para acompañar la oración de los creyentes.

En qué creer sino en la necesidad  
de sentir lo más sagrado?

Las nevaduras del origen alumbran su ausencia  
en el escenario que circunda la ermita:  
los helechos conforman un manto de sombras,  
la lluvia reciente deja su rastro a la entrada de la gruta,  
el viento ronda para ver por dónde sigue tallando el granito  
y algún rumor casi inaudible va invadiendo mi silencio.  
Madura la mañana en este extraño paraje

del Santo Amador y me encuentro seducido  
por una marea de secretos sustentando lo increíble,  
inyectando recompensas para mirar por ellas.

Como hombre me anillo y me desanillo  
en mi demasiado desconcierto.

Y compruebo que outra vez quedo compartiendo  
ciertas esencias de lo sagrado.

MONSANTO

EL espesor de la piedra  
(o la lluvia depositando su voz lustral)  
convocan una repentina reflexión  
sobre la muerte.

Pero justo ahora no podemos morir.

No, no podemos caer  
ni plegarnos a las sombras:  
la montaña abre su lealtad hasta el límite.  
y nos mantiene en la altura  
donde el hombre se conmueve  
por compases sostenidos  
con susurros de antiguos dioses.

Quedan ciertas huellas (un concierto  
de luces, una fortaleza en equilibrio)  
junto al adaptable espejo  
del ayer e del mañana.

## ALFREDO PÉREZ ALENCART

### SERRA DA MALCATA

HE aquí una tierra  
que se alimenta de ausencias,  
de cantos que aún ignoro.

Sólo percibo un ligero temblor  
sobre las hojas humedecidas.

En el bosque de las laderas  
la claridad resulta infinita.



HELENA VILLAR JANETRO  
XESUS RARADE PAREDES

Como se fora un serrantiño luso  
-cecais o derradeiro na Galicia -  
o rinchón do pomar  
serra a mañá.

Argubazos de sono caen nos eidos,  
e no lamber dos cuxos  
hai soño  
e hai misterio



MARTHA MORAIS

ALFREDO PÉREZ ALENCART

SERRA DA MALCATA

HE aqui una Serra  
que se alimenta de asfalto  
de cantos que são iguais.

Sólo percibe en lugar de



MARTHA MORAIS

Como se fora un serrantiño luso  
– cecais o derradeiro na Galicia –  
o rinchón do pomar  
serra a mañá.

Argubazos de sono caen nos eidos,  
e no lamber dos cuxos  
hai soño  
e hai misterio  
esbarando engordiño polas antergas lousas.

Eidos,  
patria de touros-nenos  
que endemaxais ollaron coa testa hergueita e fera  
cara pró matadeiro...

O rinchón madrugueiro do pomar  
serra,  
serra,  
no ar.

Aquel can medonamente  
vente, pasar,  
é cala.

**HELENA VILLAR JANEIRO**  
**XESÚS RABADE PAREDES**

¡Que fermoso era o río  
que tivo dez meandros!  
Terra inantes da terra  
ferida polo arado  
do lecer e da dor  
en dez xeiras de vento...  
Ela, como o poeta,  
coa grandura da noite por bandeira,  
ía sobre o horizonte, desbuzada  
na miserable anguria:  
sete rosas  
murchadas  
unha a unha.  
E cando un novo suco nugallán viña engorde,  
sombra de fume no cristal do tempo,  
e xa non atopou a súa meixela,  
¡que badalada tráxica tanxías  
campaíña da igrexa...!

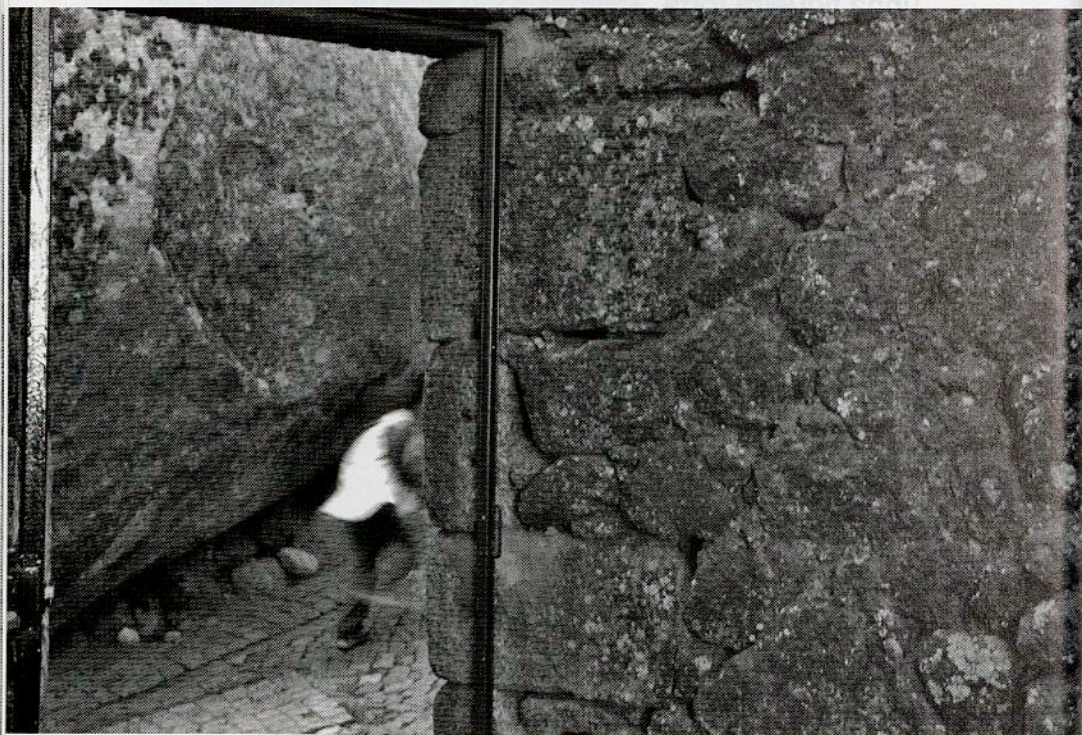
Fóronse pasantonte coas olladas  
penduradas das lousas.  
Emigraron no outono,  
como as follas.

Quedan as vigas podres,  
a teitume e as pedras,  
unha figueira torta  
diante da porta pecha  
e un can — que non axuda  
na terra da sorpresa,  
nen llelo mercou nadie,  
que sobran cas na aldea —.  
Un can que non ladra ó forasteiro.  
Adeprende e agarda  
polo alleo que queira abri-lle a porta  
que deixaron pechada.

Aquel can medoñente  
veme pasar,  
e cala...

Forse passante cose ollabari a ate nomel auo!  
Fondrean zed ouf auo  
erst ab sejaner eriel  
odare oio arado  
for ab a jecel ob  
otnev ab asarex zed in  
tateo a omo, ab

Quedan as vigas podres,  
a feiture e as pedras,  
casas  
como as follas.  
Emigran no outono,  
penduradas das louzas.



MARTHA MORAIS

LONGUE DURÉE

es esta la palude  
calculada a beneficio por ingenieros  
de bigotes variablemente musso-  
linianos

gente que vino de esotra parte  
cavó aquí su tumba (recto de pájaros  
flor vesical fértil en tirrénicas  
playas)

(aunque oscureca si  
y el pájaro de la hora)  
no son la caída  
de Occidente

(que va la fiesta en luto  
que va el sol a pique  
que va la nave con Fraud  
y la peste)

pero se trata de Pota  
hizo crac el Eje quebró  
también la sogá  
en los atraca-  
deros

## PEDRO MARQUÉS DE ARMAS

vi puercos en el agua  
en barcazas precarias  
(no eran pecaríes)  
que llegaban de Yucatán -luego

orillados dispersos en ribazos  
hasta poblar las ordenanzas  
del tal Alonso de Cáceres

fue al comienzo del sueño  
antes que tierras marcaran  
lindes y aunque perseguidos por severa ley  
modelaron una cultura de pequeño formato

pero han vuelto al agua  
en barcazas todavía más precarias  
que parten a Guam



(Caída de los precios)

que va la fiesta en luto  
que va el sol a pique  
que va la nave con Freud  
y la peste

pero se trata de Pote  
el occiso de Café  
(Montmartre)

sus bigotes de manubrio  
(aunque oscurece sí  
y el pájaro da la hora)  
no son la caída  
de Occidente

(que va la fiesta en luto  
que va el sol a pique  
que va la nave con Freud  
y la peste)

pero se trata de Pote  
hizo crac el Eje quebró  
también la sogá  
en los atraca-  
deros

# PEDRO MARQUÉS DE ARMAS

(claraboya)

y sin embargo  
sigue gente escalando  
por la escala (que daba)  
al vacío (o que dicen) que-  
daba

junto al gancho mayor

PEDRO MARQUÉS DE ARMAS

detrás de tu casa  
hay un campo de ho-

rror

crece entre las demás casas  
a través de la

tuya

y hasta el con

-fín

at the OK chorale  
a hurricane stalking the reeds.

MARTHA MORALS



**MARTHA MORAIS**

[34]

## CHRISTOPHER SAWYER-LAUÇANNO

### Themes and Variations

*for Eric Malone*

Something keeps sneaking in  
between the clarinet and the guitar  
In the corner of my eye a blur, a streak,  
something red. In the corner of my ear  
scurries, little feet, paws, antlers rubbing  
against the wall, perhaps a tail dragging  
across the floor. And that  
shrill wail? It's certainly not an  
accordion, not a violin.  
Could it be an organ grinder  
with a trained monkey?

Something keeps sneaking in  
underneath the clarinet.  
I think it's hiding  
in the canebrake  
or just beyond. But I more than sense,  
in that non-sense  
sense, in the downward sweep,  
the upward plunge,  
the tintabulant tin tin tin  
at the OK chorale  
a hurricane stalking the reeds.

Something keeps sneaking in  
between the radio and the clarinet.

It has bison horns  
and cloven feet and  
huge black eyes  
and ears that waggle  
in the prairie wind.

It refuses to announce itself,  
just stands there, arms akimbo,  
as if to say my presence  
is your absence.

Something keeps sneaking in  
encircling the sampler and the clarinet.

Which is the way it is these days  
as the dark grows longer  
than Pinocchio's nose  
and the light only stands still  
for a brief moment before  
giving itself up for dead.

Down by the river the horizon grows.

And I think I see a muskrat  
foraging in the brown skunk cabbage.

Something keeps sneaking in  
playing foosball with the clarinet.

"Cleared out of the clear."

Or something akin. Something larger  
than the "s" in snake, serpent, stupendous.

surprise, serendipity. It's there.  
Hunkered in the bunker  
with an old Gene Autry 45  
(record, not revolver). Yet on approach  
it disappears, only to reappear above us  
dancing in the cold clear light

what can it possibly mean for our perspective?

There are ghosts in the machine  
and in the large brushed room lead to slabs of white  
little white yodals of past moon

She said she saw the mice clearly  
but he thought she said mice

If the weather changes again  
does it mean that the roses are gone?

Days, nights and the inbetween  
Sorry excuses for trampling

He has ignorance on his side  
She has only not knowing

If a hedgehog can be turned into stardust,  
what can we do with a sea anemone?

## CHRISTOPHER SAWYER-LAUÇANNO

### Uncoupled Couplets

If Euclid is askew  
what can it possibly mean for our perspective?

There are ghosts in that painting,  
little white yodels of past events.

She said she saw the mice clearly  
but he thought she said mites and accused her of lying.

If the weather changes again  
does it mean that the roses are doomed?

Days, nights and the inbetweens.  
Sorry excuses for trampling the lilacs.

He has ignorance on his side.  
She has only not knowing.

If a hedgehog can be turned into stardust,  
what can we do with a sea anemone?



## CHRISTOPHER SAWYER-LAUÇANNO

.Magic Music

for Gerrit Lansing, word musician/magician

The Chinese gong is tuned  
in accordance with the cymbals,  
and in the large hushed room  
rhapsodic intervals

swell an embellished scale.

A few crane their ears,  
divine a hidden madrigal,  
a lucent score that soars,

whirls, dances on tiptoes,  
whispers for a moment, then  
descends like hailstones  
chasing summer rain

The aim is not to hit the target  
but to find your quiver and bow.  
He said he could talk a bluestreak  
but couldn't write without a dictionary.

Yesterday the boats were in the water.  
Maybe things will turn out all right.

fronteira, esse mapa de espadas - linha no peito  
 - onde os verbos jorram a grande criação  
 do enxame uniforme  
 a poeira lavada por fora e a lisura da haste presa  
 nas solas onde a retina sempre se prende

na minúcia volátil do espaço, um nada estranho fabri-  
 cando uma única cor forçada



à alavanca

**MARTHA MORAIS**

The aim is not to hit the target  
but to find your quiver and bow.  
He said he could talk a bluestreak  
but couldn't write without a dictionary.

Yesterday the boats were in the water.  
Maybe things will turn out all right.



**MARTHA MORAIS**

[42]

fronteira, esse mapa de espadas – linha no bolso  
 – onde os verbos jorram a grande criação  
 do enxame uniforme  
 a poeira lavada por fora e a lisura da haste presa  
 nas solas onde a retina sempre se prende

*Fachaste as janelas?*

na minúcia volátil do espaço, um nada estranho fabri-  
 cando uma única cor forçada  
 – tampa de artifício – nessa mortalha de pontos

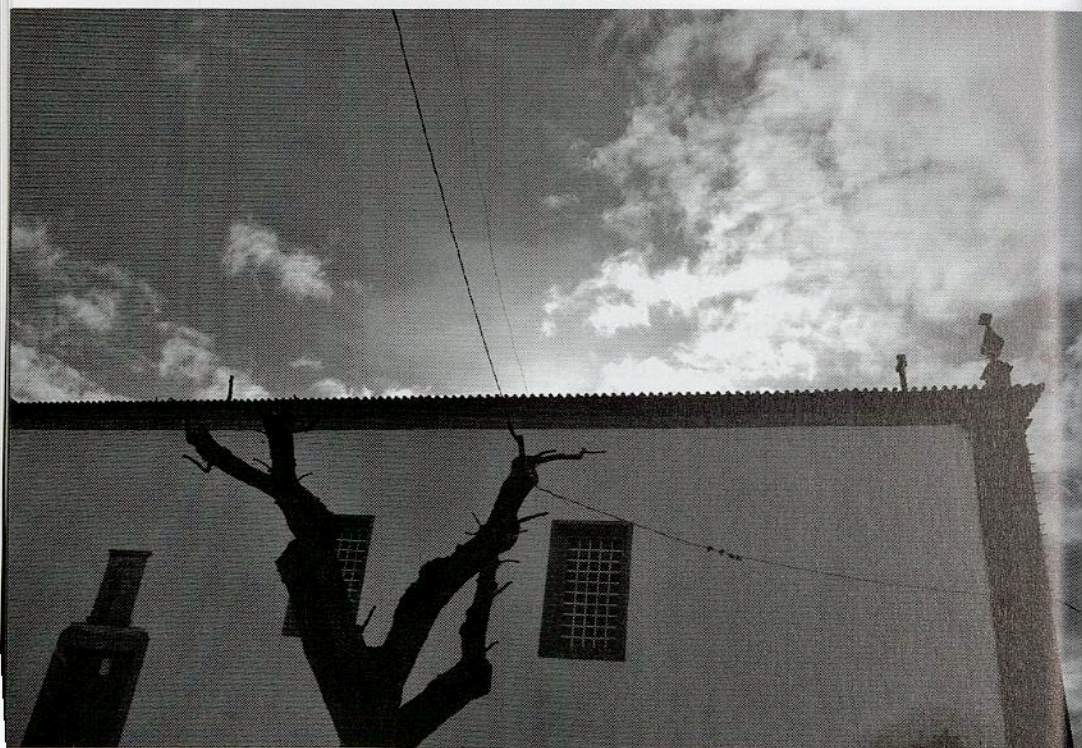
a ligação inicia-se **DENTRO** pois os braços ligam-  
 se para além das franjas onde as lâminas nos constru-  
 íram sombras de sombras

é na margem das coisas  
 que começam as acções iniciáticas  
 nas margens dos compêndios milenares  
 compilados pela cadência das vozes  
 é na margem que se encastram as fissuras, os  
 pilares de dezassete mil pontes elevando-se  
 face à atrocidade

puxado o fulgor no terreiro dos gumes há-de tocar  
 o piano de gomos – a muitas mãos –  
 num movimento rumo à maior largura da cor

*hermanos* e irmãs que somos no lugar do humano  
 encontramos-nos – numa nova alma de pólvora face  
 à alavanca

fronteira, esse mapa de espadas – linha no bolso  
– onde os ventos joram a grande chafaz  
do enxame uniforme  
a poeira lavada por jora e lixura da haste press  
nas solas onde a retina sempre se prende  
na minúcia volátil do espaço, um nada estranho fald-  
cando uma única cor forçada



MARTHA MORAIS

A linha da liberdade

Li na lombada, limites do livro  
 palavras paralelas  
 Fechaste as janelas?  
 pousadas sobre as quinas  
 escudelas gravadas, desusadas  
 Passos apressados dobrando esquinas.  
 espalmadas as letras, prensadas,  
 douradas, saídas da noite, cores pretas  
 Ide, ide, que são os gajos da...  
 daquela cor indecifrável  
 não a das letras de que me falas  
 Corram, deixem as malas!  
 Mas quero levar o livro, o livro!  
 Palmilhados cerros, corgatos,  
 pesperros e regatos  
 a salto por montes abstractos  
 Um manto real, lençol branco  
 ali, à tua beira  
 cobrindo o corpo  
 que não passou a fronteira.  
 O livro já não é revolucionário  
 mas estará contigo, agora aberto,

## AIRES GOMES FERNANDES

Raiando

Um fio, água que fosse  
Mãos que te traçam, pés que te pisam  
E tu ondeias, espírito seláquio  
achatada pela arraia miúda  
espezinhando nascentes, rios e montes  
Tiras os filhos aos pais  
Dietizas a tua linha invisível  
És medusa, sinuosa, atraente  
És adorno, padrão, marco, chão de ninguém  
Alcanices, alcanças distância  
Cansada, testa perturbada  
Raiando nessa festa de divorciados  
Anéis, palmos de guerra, outros arraiais.  
Quantos punhais te cravaram?  
Já foste catraia, cresceste  
Agora és raia  
Ordenas que entre, que saia  
Passado parente  
Irmão futuro  
Do outro lado também há gente.



do medo de pisar a fronteira  
e não haver mais barcos do lado de cá - que era a  
sua ruminacão o oposto das sacas saladas  
do internamento (o que há de intermédios)  
já se sabe que o envelope alberga tudo - isócrato



MARTHA MORAIS

# AIRES JONES FERNANDES

Ralando

Um fio, água que fosse  
Mãos que te toquem, pés que te pisam  
E tu, criança, escrito seláquio  
achando para outra vida  
esperando os parentes, rios e montes



MARTHA MORAIS

1

do medo de pisar a fronteira  
e não haver mais barcas do lado de lá – que era a  
sua ruminação o oposto das sacas saídas  
do internamento (o que há de intermitente)  
já se sabe que o envelope alberga tudo – indirecto  
e a possessão esse entulho  
em tudo  
quando ia para espezinhar – o oleiro sempre regres-  
sava  
a mandar abater os agouros – de que lado é que vem  
o vento assim que a alfaia pode falhar  
– e o sertão das sete donzelas  
com o cerco que era capaz que lavrassem  
os gritos o cimo das  
covas (não se prejudicam)  
Há uma porta e várias grades

## ÂNGELA CANÊZ

2

Se os caminhos  
forem até ao fundo – a perfuração das casas  
do entulho em tudo iluminações  
até que se ponha de gatas . por terra  
e liga os mesmos  
no vintém provável – São pedras  
por cima de pedras encardidas. fardos de andar  
de vão em vão agora não pode voltar-se  
a mudança ia levar muito tempo – dissuadir  
da entrega –  
e urtigas que carregavam para dentro  
das esferas – a poeira já não podia  
de tanto – por dentro  
a perfuração. Há sítios com pás  
sibilantes implicam embater (vassouras)  
por muito menos se calcam  
– vai lá ter que já volto  
paragens de aqui e vão – fora de si  
que foram todo o caminho  
a dizer mal das urtigas

a língua  
 é que vinha trocada desta e de outra terra  
 (semi-terra ) vocábulos amparados  
 no decaimento  
 também há disso nas solas, depois  
 é o posto fixo e decisão do seu  
 trajecto re-tempos a tempo do vulto  
 o seu critério era esperar no assento  
 e por isso perde-se o original  
 (tantos resguardos) e a caneca  
 fica inteira aos olhos dos surtos  
 todos os meninos têm poucas sandálias  
 podem subir e atravessar as ladeiras  
 misturar as cores num pequeno copo  
 e surpreender-se com a própria fuga  
 o despertar para o rosto – globos oculares  
 Daqui mal se vê essa serra (ela está aqui)  
 se calhar é dos plásticos  
 marca ter portagem

– repetição e não são casulos  
 enquanto pensam

## ÂNGELA CANÊZ

4

IDA

dos dez combatentes – de branco  
o luxo das catacumbas era morder o serviço  
de copos (duas milhas de fios)  
que em vida ficam a dobar  
de lameiros – era assim que os anticiclones  
criavam o riso – por ser mais frouxo  
o terror por ser mais  
excedentário – excesso de artérias  
– o visionamento das telas. E se não  
lhes custar muito subir a ponte  
a pontaria  
(dizia-se que profanavam um custo)  
estranho que lhe vai tirando as vigas  
cultos domando as farpas  
que turvam e deixam-se  
falar. subir  
que têm bom vagar

se  
 NHA  
 se tiver direito ao musgo  
 (toda a pedreira se detém à espera da resposta)  
 e o mito anda lá muito perto,  
 qualquer dos recintos tomado às selas  
 e são sítios de que rói o diluente  
 modo de embate – bases transladadas  
 e o ofício das tiras há um  
 vaso encurvado  
 as primeiras fases do surto – aquele  
 que reverte as castas e com as torneiras  
 de estrondos  
 mesmo não estando lá aos pouco  
 já se adensam. dentro do pedido  
 ao perder de vista de vista e peça do logro  
 tem a ventilação  
 a sair pelas falhas – alguma  
 marca templária  
 – repetição e não são casulos  
 enquanto pensam  
 quando está cinzento e ninguém  
 por lá passa  
 como se cordel ainda escapasse  
 e logo cresce – alcateia

## ÂNGELA CANÊZ

6

peregrinação  
esboços de mapas – cartas duvidosas  
quantos forem precisos para os alevantar  
e retirar da sorte de  
– e elas moravam lá perto eram a sua parte  
de susto – a suposição à espera de que  
fixam nas contas susto

A moeda de troca é o exemplo  
das vinhas quando o rebordo se deteriora  
e empenha os fios rebordo se  
e o anzol – arrisca-se  
que o deslize repare na elevação  
pare os restos de côdeas onde  
esgrima para teres ido depois das lanternas  
terem perdido o arreio (holofotes)  
todos eles juntos formam mais de três filas  
– o rito pode iniciar  
ritmos de palmas e bandeja  
com dobras  
até à cintura



7

porque o  
atentado era morder a caldeira  
e tirámos dias para que a criança da obra  
fizesse o novelo

paramos o novelo no centro da barragem  
(da viagem) de folhas sobrelotadas  
(arbustos) que vinham ter ao  
rio – o que os espantava  
construções de todas as partes  
– Estamos sobrelotadas  
a azinheira com o apetrecho diário  
as tabernas cheias (esburacadas)  
é aqui  
tão à beira ainda se cai  
e o pedido era só desenraizar tabuleiros  
– caravelas  
de passividade – ter-te pintado de  
hienas – o sobrenatural  
que também se lembra às vezes  
quando está cinzento e ninguém  
por lá passa  
como se cordel ainda escapasse  
e logo cresce – alcateia

vê-los de pedras esventradas para  
condizer com as solas – sombras de enleio  
digressão aos sobreiros no caso  
nocturno de meridianos de peças  
a poucos dedos do fim – digressão ao centro  
das eiras  
é que a poeira é muita  
e vem toda à vez  
agacha dos calos o que semeiam sem  
se saber dos cabides  
cavidades da terra  
máquinas de pedreira – muitas  
as pedras às vezes rodam à altura  
das castas e cortam os vidros  
– assumimos a culpa  
a colheita dos últimos resguardos

À beira dos precipícios

Um vento agreste

inventara um fim de si mesma  
margem o apoio de braços para  
o delírio ser mais suportável e  
agarrar-se. ser ao de  
mandaram vedar (vendar) todas  
as cordas (agarrar-se às margens  
pelo que elas têm de peso)

– rótulas

## ANGELA CANEVA

À beira dos precipícios  
o delírio ser mais suportável e  
marginem o spoio de praças para  
inventara um fim de si mesma  
a poucos dedos do fim – digressão ao centro  
das áreas  
é que a palavra é multa  
e vem toda a vez



MARTHA MORAIS

## CONCEIÇÃO RIACHOS

A planície fronteira

Um vento agreste

limita a montanha

Na âncora das raízes

emigram palavras

No trilho granítico

a rota das cruzes em bandeiras fluidas

contra os perigos do caos

Nas grutas

teares trabalham atalhos secretos

veredas marcadas por bárbaros foragidos

De costas voltadas

muralhas e castelos fundem

as grades da viagem

No espaço poroso

a conquistista avança

salta

a planície fronteira

## CONCEIÇÃO RIACHOS

Raiando

Na lâmina do horizonte  
a força da pedra  
configura interioridade  
ventos em concha  
sopram cardos e seixos  
guerras de fé repensam a diáspora  
muralhas tardam incêndios  
remorsos dormitam  
num céu vazio de fósseis

Nas esquinas  
caminhos de pão morno  
alimentam paisagens

## CONCEIÇÃO RIACHOS

Fardas carimbos bandeiras portagens. Cada um é fronteira. É preciso encontrar a fronteira eficiente que não possa ser saltada a fronteira natural artificial fixa ou rígida afinal nenhuma fronteira é final e a última fronteira o espaço poroso que absorve que deixa passar a fronteira da mobilidade âncora das raízes culturais dos caminhos graníticos de muralhas veredas e canhões abandonados e a marcha dos sem fronteira. Viajando cruzam-se fronteiras pátios casas de pedra atalhos veredas afastadas segredos. Para além da fronteira o céu e a terra a travessia a luz a escuridão o lugar móvel fora da lei a reconstrução a conquista o avançar. Fronteira tempo prisão protecção rota margem pergunta império limite memória. Fronteira hipotética linha.

## CONCEIÇÃO RIACHOS

Parecia ver  
um pássaro minúsculo na  
superfície branca de muros radiosos

No espelho verde  
tecidos sanguíneos corriam  
nas teias do olhar puro

Na cabeça da paisagem  
a face esguia da casa  
um cheiro a sol e música  
nas janelas



## CONCEIÇÃO RIACHOS

A sombra toca o beiral que abriga o ninho. Apressado o rio corre no fundo da garganta entre céu nuvens e pedras em equilíbrio. Rosmaninhos e giestas marcam a religiosidade das encostas. Na terra prenehe penedos fragas e barrocas limitam o caudal azul sombreado e branco. Ares puros sublimam a distância.

sobre a pedra sobre  
a pedra

encostas

rosmaninhos

na terra prenehe penedos

fragas e barrocas

limitam o caudal

azul sombreado e

branco

ares

MARTELA MORIAS

A sombra foca o detal que abiza o ninho. Através  
o no come no fundo da garganta lateral e superior  
pedras em equilíbrio. Formas arredondadas e arredondadas  
a religiosidade das encostas. Na terra quente pedras  
fragas e pedras limpas e arredondadas e arredondadas  
branco. As pedras arredondadas e arredondadas e arredondadas  
e arredondadas e arredondadas e arredondadas



MARTHA MORAIS

## GRAÇA CAPINHA

As Estrelas "Não tem altura o silêncio das pedras"

Manuel de Barros

o silêncio das pedras  
o silêncio pedra  
sobre a pedra sobre  
a pedra  
que é  
escarpa  
montanha  
altura  
de água em volteio íngreme  
a rasgar azul  
o chão e o céu

pedra céu  
pedra rio  
pedra azul

altura da montanha  
que rasga a posição  
dos ponteiros  
encimados por pedra  
e penas

os ângulos  
e os silêncios  
do abismo

não tem altura  
o silêncio  
das pedras

no silêncio das pedras  
o silêncio pedra  
sobre a pedra sobre  
a pedra  
que é  
escarpa  
montanha  
altura  
de água em volume ingente  
e fazer azul  
o chão e o céu  
pedra céu  
pedra rio  
pedra azul  
altura da montanha  
que são as pedras  
dos contornos  
das pedras

As Estações da Pedra

*"O desejo flui nas suas mãos cuja delicadeza  
subtil sentia como nunca. As pedras não pesavam  
e ganhavam contornos suaves e felinos, de uma si-*

*nuosa voluptuosidade, de uma ardência solar"*

António Ramos Rosa

OUTONO

São tristes e nuas as aves negras  
que viajam solitárias nos labirintos  
do vento de Outono. A pele seca da  
pedra emerge dos teares maduros  
até aos pomares das fragas imersas  
sob uma memória inicial. Este corpo  
não fala porque se fez granito proibido  
extremo e fechado em espaços mudos  
na alegria abstracta do fogo. A língua  
está seca sobre as folhas folas mortos  
de Outono. Prontas para novo ciclo  
onde cravam os dentes afiados sobre  
oliveiras de pedra. Fascinada pelo Sul  
uma rosácea aprisionada pelas colinas

## JOÃO RASTEIRO

### INVERNO

Há um centro velho e um centro novo em ferozes transparências que as pedras acirram. O corpo é simétrico entre o deserto e o oásis apodrecido nas horas estáticas do Inverno. Os tendões quartzíticos da encosta parada escondem entre os dois planos a ânfora estreita dos sonhos. Os pássaros em voos circulares de Inverno entranham a luz absoluta até ser mais memória que luz. O corpo surge segmentado sufocado entre penedos com pequenas raízes e aromas raros separado por espelhos da pedra. As rotas talhadas na rocha viva fundem-se com ela rendidas a uma sede sem limites. A raia espraia-se lentamente estremece em vislumbres sob a alegria dos seus relâmpagos de Inverno.

## PRIMAVERA

O fogo oculto foge dessa visão. A raia perfuma os aromas das suas feridas cobertas de cio. O espaço indomável amamenta a fermentação dos sentidos impetuosos em gestos de desejo. Rota de vozes na matriz da carne nua aberta sem contornos. Na interioridade os ecos que acordam as aves os ciclos do mel atraindo as chuvas. As raízes estendem um cheiro radioso de violetas na sede dos teares da Primavera. E os mortos só respiram na linguagem pura nova da identidade metamorfose originária. E a terra acorda no outro lado dos pomares que despertam a boca una. Aí as suas próprias pedras transformam-se em asas que prefiguram o futuro corpo amado desejado reinventado. E a linha da raia procura a visão da madrugada mítica Primavera de frutos ágeis voluptuosos fulgurantes no dorso fronteira luminosa. As oferendas da pele. A construção da luz

## JOÃO RASTEIRO

### VERÃO

Renascem puras as mãos e as palavras  
nos arcos do fogo forjado. As bilobites  
brilham na densidade do fulgurante Verão  
que coroa o espaço mítico que se estende  
transparente na raia. As pedras agora estão  
abertas oferecidas ardendo nos aromas  
das fragas e das romarias. Os pássaros  
respiram oliveiras e pomares sob aromas  
novos que se incrustam na pedra um novo  
arco. As fragas fundem o Verão como um  
feixe de lírios e artérias reinventadas no  
mimetismo da pedra negra e branca entre  
os cheiros da sílaba antiga e a saliva enigma  
da palavra nova que fecunda bocas. E ferve  
o mel no cimo da haste do granito. E amo os  
sonhos da raia os corpos esses laços de pedra.



JORGE FRAGOSO

## Língua Fronteira

Na voz maculada de pedra  
nasce o som da fronteira  
passo de terra e vento  
alguma água



Olho o olhar identidade  
fronteira de corpo

MARTHA MORAIS

JOÃO RASTEIRO

VERÃO

Renascem puras as mãos e as palavras  
nos arcos do fogo forjado. As bilobitas  
brilham na densidade do fulgurante Verão  
que coroa o espaço mítico que se estende



JORGE FRAGOSO

Língua Fronteira

Na voz maculada de pedra  
nasce o som da fronteira  
passo de terra      vento  
alguma água

linha da raia      oculta  
o centro voado no interior  
da raiz do passo      espectro do tempo  
branco de luz      paragens de longe

Fronteira

fronteira de água      mar-oceano      rio  
horizonte largo

fronteira pedra  
risco no chão pisado de lume

fronteira do tempo  
a história do tempo  
demora do gesto  
a construção-memória

Olho o olhar      identidade  
fronteira de corpo

centro de ser  
sangue da margem

a fronteira da língua  
a palavra som gráfico desenho  
musical  
ausência de sentido

tenho uma fronteira  
rasgada nos olhos

tenho uma fronteira  
cavada no peito

uma fronteira  
vencida nos dedos

e voo além do traço

Olhada de cima  
do cavalo de asas  
a terra  
não lavra no corpo  
o golpe seco  
da fronteira

Água de fronteira e pedra

A água espelha como espelhos de céu. Nuvens por sobre a água. Pedras esquadras sobre os lados da imagem. Céu. Abertas nuvens mascaram o azul. Ausente o sol. As horas des(h)oram o tempo numérico pelo signo ancestral do império. Afinal o suporte é opaco. Pássaros de memória magoam os ramos espetados quase na carne, nas penas, penas brancas, penas de dor, penas aprisionadas no quadrado da imagem. Sem memória, na imagem outra vez opaca, pelas costas da imagem que não se desenha, só a memória pode ser memória do pássaro sem nome. Sem lembrança. Ausente, como o sol lá atrás. Curiosamente há luz. Usado o silêncio da imagem.

JORGE FRAGOSO

As águas  
magram as águas

Agua de fonte e pedra  
chãos colares nos  
A água espelha como espelhos de céu. Alguns por  
sobre a água. Pedras escuras sobre os lados da  
imagem. Céu. Áreas nuvens mescladas com  
ente o sol. As horas des(orm) o tempo num  
dele simo



MARTHA MORAIS

[76]

Extremo Encantado

O ninho diz dez menos dez

O ninho diz

dez menos dez e rodeia meia porta

O ninho diz dez menos dez, rodeia  
meia porta e agrega paus

O ninho diz dez menos dez, rodeia meia porta, agrega  
paus e tem uma sombra descendente

O ninho diz dez menos dez, rodeia meia porta, agrega paus, tem  
uma sombra descendente que desagua na água

O ninho diz dez menos dez, rodeia meia porta, agrega paus, tem  
[uma sombra descendente que desagua na água  
que repete: *o ninho diz dez menos dez*

O ninho diz dez menos dez  
O ninho diz  
dez menos dez e robéis mais porá  
O ninho diz dez menos dez, robéis  
mais porá e robéis mais



MARTHA MORAIS



Liliana Vasconcelos  
**SANDRA GUERREIRO**

a água que abre o ponto por onde as pedras respiram

a ave à espera do sopro

a água que segura as pedras que respiram abertas

a ave que soprando se abre

a asa que corta o rio

o corte da espera

a espera que corta

a pedra aninha a água

a água aninha o sopro

o corte que segura as nuvens

o céu que fecha o sopro

a água que abre o ponto por onde a ave respira

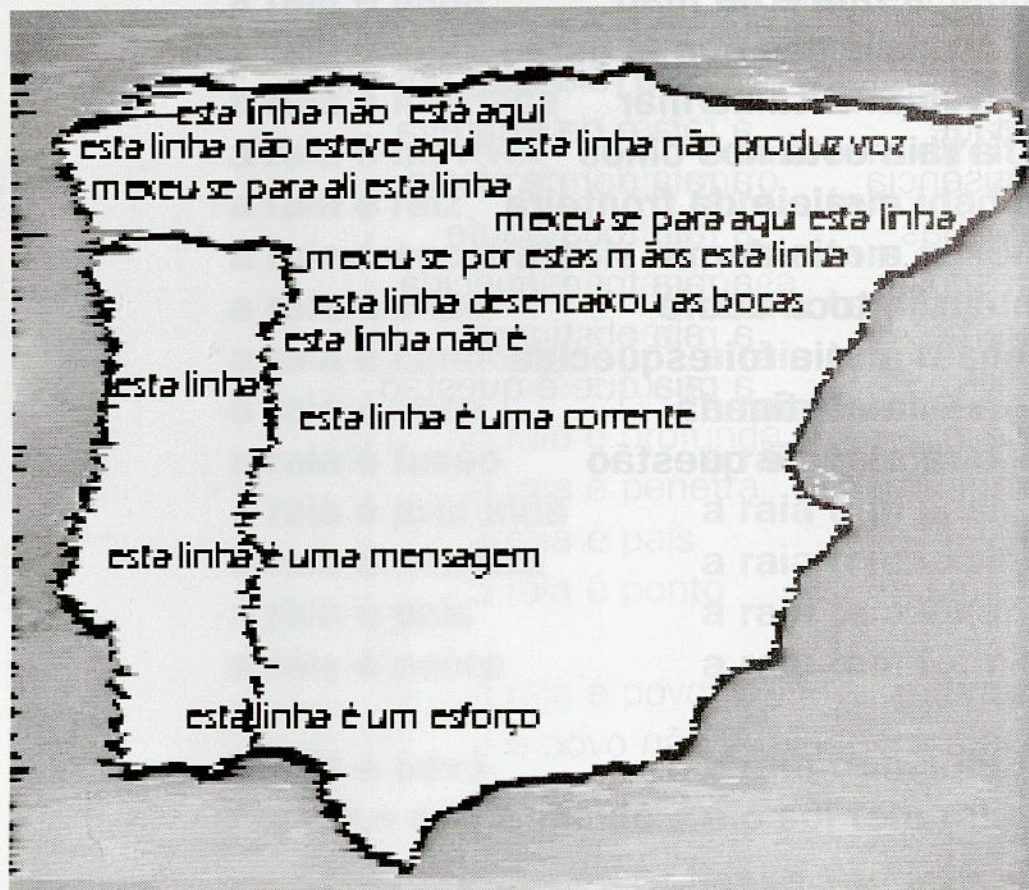
éguas que abre o ponto por onde as pedras respiram

a raia é linha a raia é linha a raia tem lados  
a raia é limbo a raia é limbo a raia tem razão  
a raia é molhada a raia é molhada a raia tem boca  
a raia é movível a raia é movível a raia tem direito  
a raia é raiz a raia é raiz a raia tem idade  
a raia é encontro a raia é encontro a raia tem ausência  
a raia é chão a raia é chão a raia tem línguas  
a raia é candonga a raia é candonga a raia tem respostas  
a raia é seca a raia é seca a raia tem nome  
a raia é fusão a raia é fusão a raia tem divisão  
a raia é profunda a raia é profunda a raia tem peso  
a raia é penetra a raia é penetra a raia tem explosão  
a raia é país a raia é país a raia tem lugar  
a raia é ponto a raia é ponto a raia tem forma  
a raia é povo a raia é povo a raia tem sombra  
e o povo não é miúdo e o povo não é miúdo e o sol tem raia

tem lados a raia é da mão  
em razão a raia é dos que lá estão  
em boca **a raia é da mão**  
**a raia é dos que lá estão**  
raia tem direito a raia está no mar  
**a raia está no mar** a raia está nos olhos  
em idade a raia é da fronteira  
**a raia está nos olhos**  
em ausência a raia dorme siesta  
**a raia é da fronteira**  
em línguas a raia toca adufe  
**a raia dorme siesta**  
em resposta a raia foi esquecida  
**a raia toca adufe**  
em nome a raia obstinada  
**a raia foi esquecida**  
em divisão a raia que é questão  
**a raia obstinada**  
em peso **a raia que é questão**  
em explosão

em lugar  
em forma  
  
em sombra  
em raia

Liliana Vasques  
Sandra Guerreiro



**da pele** o poro na espessura da derme  
**respiração do profundo** do lago das memórias  
**húmidas seivas** no centro do fogo  
 **fusão incandescente** de estios sucessivos  
**frutos em maturação** no horizonte  
**raia das raivas** raiadas de esquecimento  
**dinâmica euforia** projectada no futuro

**hoje como ontem** uma discreta identidade  
**atravessa os poros** dos espíritos  
**o coração da fronteira**

## MARGARIDA AMORIM

sobre  
terra sobre terra  
sobre  
pedra sobre pedra  
sobre  
pena sobre pena  
sobre  
nuvem sobre nuvem  
sobre  
céu sobre céu  
sobre  
tempo sobre tempo  
sobre

sobre o rio murmurante tangendo o silêncio das pedras

sobre o sopro sibilante soando cânticos de fronteira

Raia

do interior chamas...  
chamas de identidade  
chamas de património.  
chamas chamam chamas.

de dentro do homem novo  
labaredas criativas acolhedoras  
laços vigorosos solidários.

vencidos labirintos de uma ativa solidão  
(re)construídas pontes  
para outras margens

do crepúsculo resignado  
à vanguarda do segredo

horas' minutos' segundos'  
Ela'

MARATHA MORALS



MARTHA MORAIS



*O lugar é uma rosácea (de sustentidos)'  
esfomeado'*

*engole'*

*[luz*

*Ela vem no bico da cegonha ancestral:*

*a mulher em escarpas'*

*nidifica'*

*à beira rio'*

*Todos os dias pela manhã faz exercícios de solidão'*

*começa por chegar convulsivamente'*

*no azul'*

*rompe gengivas de silêncio'*

*termina no movimento em-si-mesma-dos poços negros*

*O lugar deve ser amplo*

*como um andor sem santa sem procissão sem oferendas*

*[parado*

*A mulher em escarpas'*

*nunca conseguiu chegar à última pedra'*

*Quando o tentava*

*um cardume de albatrozes*

*cortava-lhe as unhas'*

*impiedosamente'*

*a mulher em escarpas'*

*tenta ensinar o Relógio-Petrificado-Nú-Cimo-da-Torre'*

*como contar'*

*horas' minutos' segundos'*

*Ela'*

que por enxoval tem séculos guardados numa arca de terra  
frescos'  
límpidos'  
certíssimos.  
A mulher em escarpas'  
palpita árida entre cheiros verdes.  
A queda'  
produz-se.

pórtico rígido onde tudo começou  
universo como porta aberta de o tempo

o agora – este instante raro  
dez menos dez coisas  
harmonia do firmamento e do mundo

e



MARTHA MORAIS

que por aí fora, têm séculos guardados numa arca de terra  
travada  
impávida  
certíssimos  
A mulher em ascarpas  
paup'ra arida entre charcos verdes.  
A queda  
produz-se



**MARTHA MORAIS**

pórtico rígido onde tudo começou em vossa fala  
universo como corda esticada o tempo. a de Pastor.

o agora – este instante sincero  
dez menos dez cósmico chegou a Coimbra, pela primei-  
harmonia do firmamento estabelecido cionais de Poetas  
e da Universidade de Coimbra. Perante este novo livro,  
alegria, alegria, alegria... que esse 3º Encontro de poetas

o ventre brota esperançoso o sémen  
este escorregadio leite de vida  
a jusante onde cumprirá o destino  
as leis da física se farão cumprir  
e mesmo que o ser humano não faça sentido  
todas as coisas neste imenso espaço farão sentido.

L. ALTEÍRIO

político rígido onde tudo começa  
universo como corda esticada o tempo

o agora - este instante sincero  
deixar menos de cósmico  
harmonia do firmamento estabelecido



MARTHA MORAIS

[92]

O apelo que murmura em vossa fala  
(Álvaro Alves de Faria. *Sete Anos de Pastor*.  
Coimbra: Palimage, 2005)

Álvaro Alves de Faria chegou a Coimbra, pela primeira vez, através dos Encontros Internacionais de Poetas da Universidade de Coimbra. Perante este novo livro, parece confirmar-se que esse 3º Encontro de poetas, em 1998, teve, de facto, um efeito de transformação no que era já o longo percurso literário deste autor. Desde 1998 passaram exactamente sete anos — e este novo livro, que é já também o seu terceiro livro publicado em Portugal, tem curiosamente como título: *Sete Anos de Pastor...*

Premiado várias vezes no seu país (por exemplo, com o Prémio Jabuti de jornalismo cultural e crítica literária), este jornalista, romancista, dramaturgo, crítico e ensaísta, além de poeta, fez parte da chamada “Geração de 60” no Brasil, uma geração bem diversificada do ponto de vista das estratégias retóricas e dos objectivos poéticos, mas que teve em comum, como um dos seus principais méritos, o trazer a poesia para o domínio público através das leituras públicas em universidades, em teatros, em bares e cafés. Alves de Faria tornou-se sobretudo conhecido, na altura, porque se atreveu um pouco mais nesse esforço de arrancar o poema ao espaço meramente intelectual, trazendo-o para as ruas de São Paulo, directamente para “o povo”, essa massa anónima de gente que circulava pela rapidez do

espaço urbano, que procurava sobreviver a uma economia selvagem onde, infelizmente, então como hoje, a miséria e o luxo convivem lado a lado. Reeditado em 1997, *O Sermão do Viaduto*, tal como o título indica, foi lido num viaduto, o do Chá, em São Paulo, entre Abril de 1965 e Agosto de 1966, em plena ditadura militar brasileira — com todas as consequências previsíveis para tal acto de subversão: a censura do livro e a repetida prisão do poeta (a história sempre a exibir a grande ironia que é o poder instituído a preocupar-se e a incomodar-se com o discurso poético, aquele que, dizem, não tem poder nenhum sobre o mundo; aquele que, dizem, não tem nada a ver com a ordem do mundo, a não ser um efeito meramente decorativo...).

Desde 1963 (data do seu primeiro livro, *Nocturno Maior*, escrito com apenas dezasseis anos de idade), cerca de vinte livros de poemas tiveram génese na pena deste autor, cuja escrita abarcou tantas e tão diversificadas formas literárias. Em 2003, cumpriram-se 40 anos de poesia, celebrados na publicação da antologia *Trajectória Poética. Obra Reunida*, em que muitos dos seus pares lhe prestam também uma homenagem: falo de nomes tão relevantes no panorama literário brasileiro quanto os do pessoano Carlos Filipe Moisés ou Affonso Romano de Sant'Anna (dois poetas brasileiros que também já estiveram presentes nos Encontros Internacionais de Poetas de Coimbra), António Carlos Secchin ou Carlos Nejar (dois dos que desejamos receber em próximos Encontros).

Quanto à minha humilde presença neste percurso, que me tem dado o privilégio de apresentar Álvaro Alves de Faria ao público português, eu, que não sou uma especialista de estudos portugueses ou brasileiros, mas que olho para as nossas culturas e literaturas de expressão portuguesa a partir



de uma posição outra — a dos estudos norte-americanos, uma posição que me permite uma observação transversal e transdisciplinar, que forçosamente me obriga a desconstruir centros e margens — encontrei Álvaro Alves de Faria quase por acidente. Numa missão de investigação no Brasil, no âmbito de um projecto sobre questões da transnacionalização de culturas, de línguas e de identidades — todo um processo inerente à emigração portuguesa, cujos poetas tenho vindo a estudar — encontrei e entrevistei este filho de portugueses, nascido no Brasil. O que tenho trabalhado sobre a sua obra passa sobretudo pela problemática da poética e da política das identidades em situação de migração e, porque a identidade se faz na língua, questões linguísticas e literárias, como a desterritorialização e a incompletude — do “eu” e das palavras —, constroem a trama da escrita de Alves de Faria, num processo permanente de criação e destruição de padrões, assim sempre inacabados, em que o acto poético (*poieisis* no seu significado original de fazer) se faz comunitário e, nesse sentido, radicalmente político. Estamos pois perante uma voz que se pretende construir como um desafio ao leitor e/ou ouvinte das leituras públicas de poesia, mas também um permanente desafio a si próprio, exigindo-se, simultaneamente, um íntimo envolvimento no espaço social, político e histórico da comunidade. Esta comunidade, sobretudo desde 1998, desde a sua primeira vinda a Portugal (mas decerto já antes, através da presença, na língua e na sua identidade, da memória de um lugar que era já só memória — dos seus pais), passou a ser uma comunidade entre o “cá e o lá”: uma comunidade que é a língua (mas uma mesma língua que é também outra); uma comunidade de poetas que cruza, e recusa, oceanos e tradições; uma comunidade onde o encontro e o desencontro nos devolvem, inevitavelmente, ao agonismo

de toda a linguagem, que é também texto/corpo do sujeito poético na impossibilidade de um *descobrimento* de si que seja a tão almejada síntese.

A primeira parte deste novo livro, *Sete Anos de Pastor*, chama-se, precisamente, “Descobrimientos”. Nela se fundem — através da errância nómada do pastor, da errância nómada que já é forma peculiar do texto/sujeito Álvaro Alves de Faria — o agonismo de toda uma história (que é de colonialismo, não o esqueçamos, apesar de toda a “retórica da irmandade”), uma história partilhada por Portugal e Brasil (entre cá e lá); o agonismo da tradição literária que também dessa história resulta; e o agonismo de uma identidade, que é simultaneamente pessoal e poética.

Os “Descobrimientos”, como sublinhou o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, fazem-se sempre, de forma agónica e em agonia, com penosos “Encobrimientos”. Nos três livros publicados em Portugal, desde 1998, desde a primeira viagem de “Descobrimento” de um também seu lugar outro de ser português (e decerto, também agora, um seu lugar outro de ser brasileiro) — desde *20 Poemas quase líricos e algumas Canções para Coimbra* (1999), passando por *Poemas Portugueses* (2002), até este *Sete Anos de Pastor* — que estes “encobrimientos”, penosos e difíceis, nos anunciam a morte do poeta (ou, melhor dizendo, as muitas mortes do poeta): sempre em agonia, a fazer-se outro na cruel aceitação da sua incompletude identitária, que é também a incompletude da palavra e a incompletude do real.

Ecoando Mário de Sá-Carneiro, veja-se o poema “Carta ao Amigo Poeta Carlos Felipe Moisés” e a luta com a concretude material do real, que é também a linguagem, a surgir metonimicamente nos móveis de uma casa, o lugar que já

se habitou e que se deve abandonar para que o voo possa iniciar-se. Porém, a metáfora de uma libertação, que é o voo, mergulha, paradoxalmente, no escuro da noite, o escuro de que o poeta se veste “sem mais amanhecer” — mas, repare-se, só por “agora”, e até talvez desejando que acabe de vez o penoso processo da procura de uma nova luz e de uma nova casa. O carácter nómada e errante desta escrita — que se manifesta, por exemplo, através de um vocabulário que permanentemente nos remete para a questão da passagem e do descobrimento (de um lugar a outros), mas que se manifesta também através do uso da repetição (que não só trabalha a musicalidade dos textos e o eco, mas também, a nível semântico, nos reporta à circularidade das cartografias) — resulta de um sentimento de deslocação e de um mapa vivencial sempre provisório, que assenta na experiência do que tenho chamado um espaço “entre”, uma espécie de não-lugar, um des-território. Embora não nos demos conta, esse é sempre o espaço de todos nós, mas um espaço que é ampliado e se torna premente naqueles que passam pela experiência da migração: quer a nível pessoal, quer a nível familiar. Veja-se o “rimance” medieval do poema “6 Atos”, em que o poeta se faz um súbdito, que desaparece, na medida em que toda a sua família real, bem como o próprio reinado, desaparecem. Deparamo-nos com uma identidade que se vive na morte, já que a todos o poeta velou; uma identidade que se faz de memórias e que, com elas, se vai apagando.

Como um pastor, o poeta *erra pelo* espaço da memória, por *entre* as formas imaginadas que nos constroem o real presente e outras memórias de outro real passado, quase sempre mitificado, que sincreticamente se afirma no tempo e no espaço actuais: um espaço que se constrói numa espécie

de memória das memórias dos seus pais, um espaço que coloca o poeta (sempre provisoriamente, porque também a memória se apaga) entre as muitas margens do real e da linguagem, e nunca num centro. Veja-se o curto poema iniciado pelo verso “Que me sinta assim morrer antes da Primavera”, em que “dizer” é sempre “dizer de uma certa margem”, e de uma margem de onde sempre se está a partir — logo, dizer significa sempre mentir (mesmo a dor que deveras se sente, diria Pessoa). Veja-se a negatividade estrutural que daqui resulta, bem como as possibilidades abertas à experimentação com a aliteração e a paronomásia, tão características deste poeta.

Se não há centro, se tudo é errância e migração, a errância e a migração tornam-se, de forma só aparentemente paradoxal, no *lugar/mapa* que permanece. O que o leitor encontra nestes poemas são tentativas nómadas de construção de uma imagem de Portugal através de uma memória da memória (a dos seus pais e a dos grandes poetas da tradição literária, como Pessoa e Camões), uma imagem de Portugal que resulta numa imaginação de outras imaginações, numa poética de outras poéticas — e tudo isso a configurar e a desconfigurar a imaginação rizomática de si próprio enquanto sujeito num imenso território. Este é o caótico e fragmentado território do trânsito infinito do poeta pela língua.

A destruição da memória é também a de uma parte de si próprio, que foi encontrada, mas que morre e aí, nessa nova destruição, reside a possibilidade da nova criação, de um novo recomeço: da linguagem de uma identidade em processo. Este é o poeta que morre em todos e cada um dos seus poemas; e que, violenta e agonisticamente, como em todos os partos, volta a nascer, como uma criança, para

uma outra claridade do mundo (mesmo quando a escuridão do túnel parece não ter outro lado).

Que outro grande poeta português poderia aqui dialogar com Álvaro Alves de Faria, senão Fernando Pessoa? E, dos Pessoas, que outro, senão Alberto Caeiro, o mestre de todos os outros, aquele que nos ensina que o único mistério é não haver mistério nenhum? Alberto Caeiro, o guardador de rebanhos, aquele que, ao escrever versos, sente um cajado na mão?

Robert Duncan dizia que todos somos *derivativos*, ou seja, a originalidade romântica (e Duncan era auto-proclamadamente um romântico) é impossível, porque nascemos demasiado tarde, nascemos dentro da própria linguagem, no seio de todas as palavras de todos os poetas antes de nós. Toda a primeira parte de *Sete Anos de Pastor* “deriva” de Pessoa, mas sobretudo de Caeiro. Em “Decisão”, repare-se na forma como o poeta se esquece de todos os “eus” que o observam “diante do oceano”, “partindo de si todos os dias”, esquecendo-se “sem respirar”, o que pode simultaneamente ser lido como morrendo e como esquecendo-se da possibilidade da sua morte.

O encontro com Portugal parece oferecer a Álvaro Alves de Faria o encontro com esta consciência da poesia e de si próprio, fazendo-o *derivativo* e uma pessoa antiga nessa eterna viagem de poeta-pastor — também das fotografias e da memória do seu pai português, dessas ovelhas tresmalhadas de outros “eus” (como podemos ler nos dois poemas intitulados “Pastor”), sempre uma viagem à volta de si próprio. Como se afirma, num dos “Dois sonetos para Inês de Castro”, que funcionam como charneira para a derivação de Camões:

Trazei esse silêncio em vós contido  
como se a colher no fim da vida  
o que nunca vos fora prometido

Na terceira parte do livro, uma parte que leva por título “Para tão longo amor / tão curta a vida”, os ecos de Camões são óbvios e os quatro sonetos (Raquel, Lia, Labão e Jacob) não são mais do que variações de um mesmo soneto camoniano, o que dá título a esta obra. Nesta parte de *Sete Anos de Pastor*, o poeta assume a máscara de Jacob, pastor que serve Labão, o pai (e dono) de Raquel, a mulher que assim se transforma numa metáfora para a própria poesia. Será Labão Pessoa? Camões? Toda a tradição da grande lírica portuguesa, que o poeta Álvaro Alves de Faria aqui procura servir também? Penso que todos eles fazem parte de mais uma configuração identitária, de onde emerge a figura do desejo — o desejo que permanece na espera do absoluto: Raquel. Nesta, como na última parte do livro, “Poemas para a Rainha”, as mulheres da grande tradição literária portuguesa personificam assim todos os lugares de passagem na errância nómada do poeta, o pastor que serve e que espera pela sua verdadeira amada: a própria Poesia. Contudo, estranhamente — ou talvez não — esta já habita os labirintos do poeta:

Como se assim essa Raquel que me habita  
os labirintos em que me perco a esperá-la  
como se assim fosse no meu pressentimento

Também no 5º poema da última secção do livro, o poeta diz “Eis-me rainha”, para logo continuar: “de quem me despeço”. Raquel, o absoluto da Poesia, que inclui também Portugal e a

poesia portuguesa, habita o poeta: ela é parte desse espaço labiríntico que define o próprio sujeito poético. Por isso, despedir-se desse centro (ainda que apenas imaginado) significa despedir-se de si próprio — e, contudo, significa continuar a olhar para si próprio. Ainda que à distância, esta configuração oferece sempre a possibilidade de uma outra vida nesta vida mesma, que, assim, não morre:

Eis-me rainha  
de quem me despeço  
no derradeiro dia por nascer  
como se assim  
a vossa sina  
me olhar distante  
na vida que não pude  
na morte que não quis.

“Assim vos vejo em mim, a desvendar ausências”, dir-se-á mais adiante, de novo a remeter-nos para essa Rainha-Raquel, princípio feminino que é a possibilidade da criação, ou seja, também a poesia portuguesa como distância e possibilidade pressentida, distância e possibilidade pressentida de outros poemas e de outros “eus” em si. E a palavra “pres-sentir” faz-se *leitmotiv* nesta última parte do livro.

Naquele que será o último desta série de sonetos e, simultaneamente, o último poema da obra — como vimos, uma obra claramente assumida como neo-formalista, na esteira de formas exploradas sobretudo por Pessoa e Camões — o poeta-pastor deixa-nos o seu apelo, que é também a verdade última do seu desejo inesgotável: poder continuar a sua pastorícia, a sua errância e o seu nomadismo pelo que em

si se cala ainda, pelo que em si apenas se presente. A sua errância e o seu nomadismo pela fala, que é a de Camões, a de Pessoa, a de Portugal, a de seus pais — e também a dos seus leitores, aqui ou no Brasil: a fala da língua e da poesia portuguesas, possibilidade infinita em que o poeta se move e, com ele, todos os poemas/rebanhos que lhe trazem a promessa que é razão da sua vida:

Não sei em mim no entanto o que se cala  
no apelo que murmura em vossa fala  
esse desejo aflito de esquecer.

A mim me basta o que por vós pressinto  
e ao me deixar da vida a vós não minto  
em vos pedir razão para viver.



# Índice

Editorial .....	9
Martha Morais .....	11
António Salvado .....	15
Martha Morais .....	18
Alfredo Pérez Alencart.....	19
Martha Morais .....	23
Helena Villar Janeiro e Xesús Rábade Paredes .....	25
Martha Morais .....	28
Pedro Marqués de Armas.....	29
Martha Morais .....	34
Christopher Sawyer-Lauçanno .....	35
Martha Morais .....	41
aNa B .....	43
Martha Morais .....	44
Aires Gomes Fernandes .....	45
Martha Morais .....	47
Ângela Canêz.....	49
Martha Morais .....	58
Conceição Riachos .....	59
Martha Morais .....	64
Graça Capinha .....	65
João Rasteiro .....	67
Martha Morais .....	71
Jorge Fragoso .....	72
Martha Morais .....	76
Liliana Vasques .....	77
Martha Morais .....	78
Sandra Guerreiro.....	79
Liliana Vasques e Sandra Guerreiro.....	81
Margarida Amorim .....	83
Martha Morais .....	86
Rita Grácio .....	87
Martha Morais .....	89
L. Altério .....	91
Martha Morais .....	92
Graça Capinha (recensão).....	93

Índice

..... 01

..... 02

..... 03

..... 04

..... 05

..... 06

..... 07

..... 08

..... 09

..... 10

..... 11

..... 12

..... 13

..... 14

..... 15

..... 16

..... 17

..... 18

..... 19

..... 20

..... 21

..... 22

..... 23

..... 24

..... 25

..... 26

..... 27

..... 28

..... 29

..... 30

..... 31

..... 32

..... 33

..... 34

..... 35

..... 36

..... 37

..... 38

..... 39

..... 40

..... 41

..... 42

..... 43

..... 44

..... 45

..... 46

..... 47

..... 48

..... 49

..... 50

..... 51

..... 52

..... 53

..... 54

..... 55

..... 56

..... 57

..... 58

..... 59

..... 60

..... 61

..... 62

..... 63

..... 64

..... 65

..... 66

..... 67

..... 68

..... 69

..... 70

..... 71

..... 72

..... 73

..... 74

..... 75

..... 76

..... 77

..... 78

..... 79

..... 80

..... 81

..... 82

..... 83

..... 84

..... 85

..... 86

..... 87

..... 88

..... 89

..... 90

..... 91

..... 92

..... 93

..... 94

..... 95

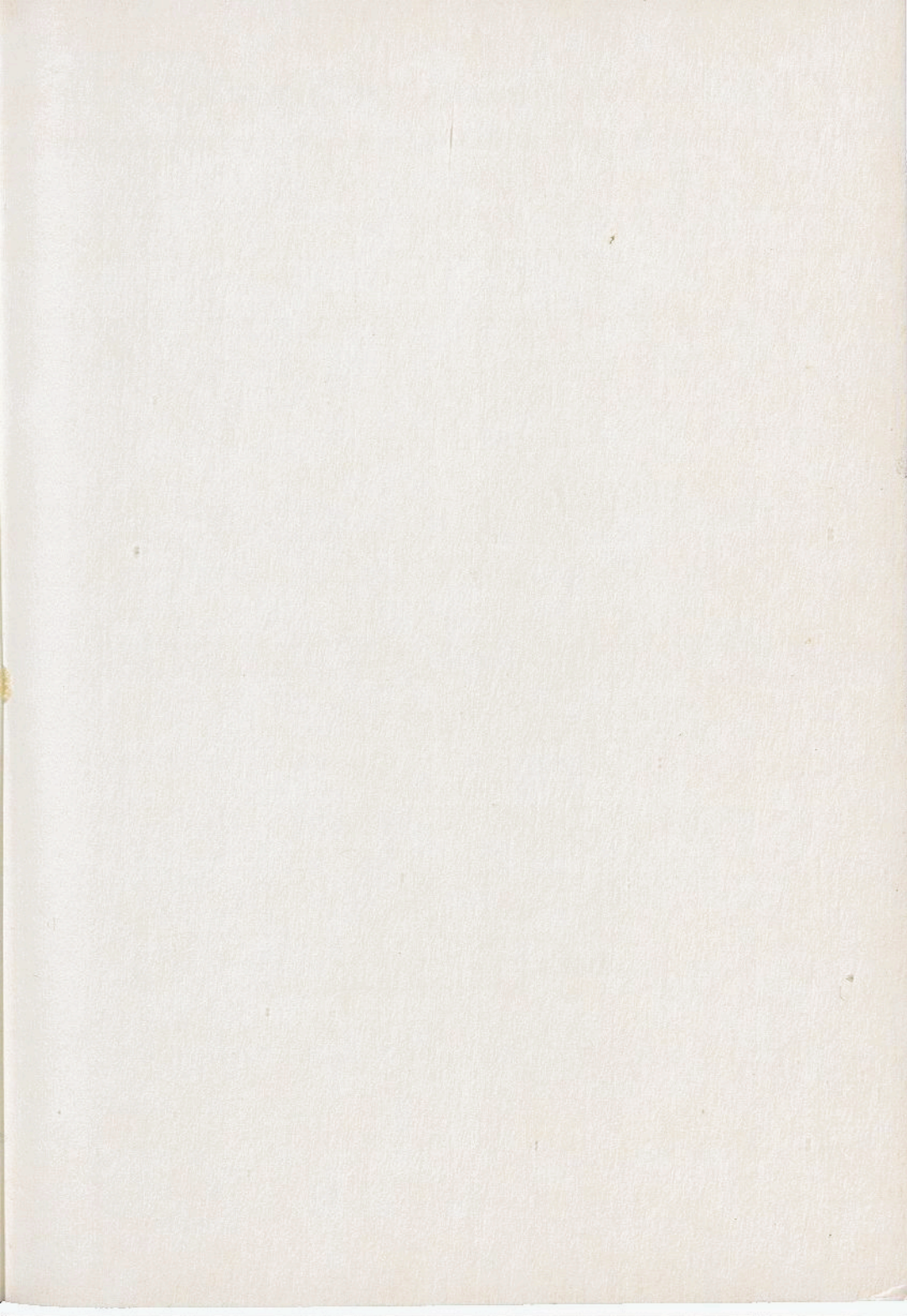
..... 96

..... 97

..... 98

..... 99

..... 100







**Apoios:**



Reitoria da Universidade de Coimbra  
Conselho Directivo da Faculdade de Letras  
da Universidade de Coimbra



centro de estudos sociais  
FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA